

EM BUSCA DA PERFEIÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA NA CIDADE DO SALVADOR NA PRIMEIRA REPÚBLICA.

Roselene de Souza Ferrante¹
Márcia Maria da Silva Barreiros²

Resumo: *Este estudo buscou analisar o significado das práticas pedagógicas femininas durante a Primeira República (1889-1930) na capital baiana. Para isso, procurou-se abordar alguns aspectos históricos para a implantação na cidade do Salvador de um sistema educacional direcionado a parcela feminina e ministrada pela Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento (S.S. Sacramentinas) de origem francesa. Em um contexto, de transformações ideológicas e sociais. O ideário republicano postulava que a escola seria capaz de regenerar o homem, cabendo principalmente a mulher educada essa função, enquanto formadora de um harmônico lar. Nesse sentido este estudo vem contribuir para percebermos em meio a um discurso “civilizador”, os vários papéis sociais destinados as mulheres no período. Bem como, a tentativa de transformá-la em modelo “perfeito” e “completo”, que a sociedade passara a exigir. Buscando rever este modelo de mulher, analisaremos o Colégio do Santíssimo Sacramento, localizado no bairro soteropolitano do Garcia, inicialmente ligado ao Recolhimento de São Raimundo na península de Itapagipe e sob orientação das religiosas Sacramentinas. Está pesquisa filia-se a uma perspectiva de análise historiográfica que privilegia novos campos de abordagens como da História das Mentalidades e Cultural, ou seja, para além daqueles definidos pela historiografia tradicional de influência positivista. Percebendo, com isso, que é nas vozes dos sujeitos históricos e no espaço das relações cotidianas, que a história encontra os meios para sua transformação, sendo fundamental o suporte teórico da Nova Escola Francesa, contribuindo para a inclusão de novos objetos como a história das mulheres. A História Social também permitirá percebermos que o universo feminino é muito diferente do masculino, não simplesmente pelas questões biológicas, mas, pelas experiências históricas imbuídas de valores culturais. Ao privilegiarmos as relações de gênero, percebemos a normatização feminina através da educação católica, que almeja a formação feminina semelhante ao exemplo mariano, ou seja, a mulher dócil e passiva, portadora de delicadeza e ternura.*

Palavras-chave: Educação, Mulheres e Sacramentinas.

EDUCAÇÃO FEMININA NA BAHIA REPUBLICANA

No final do século XIX e início do século XX as idéias de progresso e modernidade passaram a influenciar as cidades brasileiras, principalmente na absorção de valores da cultura européia predominantemente urbana, consolidando a cidade como difusora da nova ordem.

A República no Brasil nasceu sob o manto do ideário “Ordem e Progresso”, definidos na própria bandeira nacional inspirando a nação para um futuro positivista. Os dirigentes do novo sistema político procuraram propostas modernizantes, copiadas, principalmente do modelo francês. Em Paris, sob a direção do Barão Haussmann, o “embelezamento estratégico” pretendia disciplinar os usos do espaço urbano através da abertura de grandes e largas avenidas, privilegiando o uso e a funcionalidade da cidade. Assim, dentro dessa visão moderna, destaca-se

¹ Estudante 6º Semestre do curso de História com habilitação em Patrimônio Cultural, da Universidade Católica do Salvador - UCSal, bolsista de iniciação científica com apoio FAPESB.

² Profª Drª em História Social pela PUC-SP. Docente dos cursos de História da Universidade Católica do Salvador e da Universidade Estadual de Feira de Santana. Docente do Mestrado de História da UEFS e orientadora do trabalho.

o programa de reformas urbanas e ideológicas, visando o melhoramento dos hábitos e costumes da população.

A efervescência intelectual e ideológica na transição do Império para República revelou também um “entusiasmo pela educação”, dentro de um projeto de modernização e civilização nacional, que trataremos mais adiante. A ascensão da classe média e a imposição de sua hegemonia supõem a instituição de um novo imaginário social, de novas formas de percepção cultural e uma nova sensibilidade. Com isso, essa nova dinâmica social: urbanização influenciada pelas idéias haussmannianas; a transformação nas relações de trabalho com o fim da escravidão e o crescimento demográfico, procuravam relegar qualquer elemento (arquitetônico e/ou cultural) que pudesse representar o passado colonial.

Em meio às mudanças do sistema político, um grupo de profissionais ganha notoriedade são: médicos, higienistas, sanitaristas, políticos, juristas, pedagogos e professores; interessados principalmente nos hábitos e costumes da população, almejando regenerar moralmente as massas, resolvendo problemas tidos como vergonhosos. Esses profissionais, revestidos com uma autoridade da ciência, passaram a ser agentes de um conhecimento capaz de redimir a nação, conduzindo-a no caminho das “grandes civilizações” em referência ao modelo vigente.

Para alcançar a sociedade idealizada era necessário garantir a escolarização, concomitante da preparação ao trabalho, formando sujeitos capazes de exercer sua cidadania, já que um novo modelo de eleitor emergiu com a República. O projeto era construir o futuro cidadão, apto a contribuir positivamente com a nação.

Podemos concluir que a Primeira República, pode ser considerada a época dos contrastes, de um lado um arcabouço de idéias modernizantes, progressistas e do outro a realidade de um país, recém saído do regime escravocrata monárquico. A *Belle Epoque*, a *Art Nouveau* dos cafés requintados, o pensamento positivista dos intelectuais republicanos, a urbanização, as produções artísticas das principais cidades estavam distantes da realidade e em grande parte do cotidiano de sua população.

Na Bahia a implantação do regime republicano sofreu por parte das elites forte resistência “foi à última província do Império a aderir ao novo regime. Com efeito, até a vigésima quinta hora, a maior parte da elite política jurou fidelidade ao Imperador e, abertamente, repudiou a ideologia igualitária da República”³. Na prática implicou na renovação política para o Centro-Sul do país, para o Nordeste e para a Bahia, em particular, segundo a elite baiana, o agravamento da estagnação econômica, perda do prestígio político e ameaça de conturbação social.

A estruturação da sociedade baiana no sistema republicano foi gradual, no plano econômico permanecia o aspecto agro-mercantil com um paulatino crescimento econômico, como pontua Kátia Mattoso, no período de 1897 e 1905, devido à crise econômica européia e pela política interna de sanar as dívidas públicas⁴ a Bahia lentamente conseguia equilibrar suas finanças. Partindo dessa delicada situação política e econômica baiana no início da Primeira República, é possível perceber que as idéias modernizantes, foram o combustível para integrar a antiga capital do Brasil na nova ordem capitalista.

Salvador nesse período era uma cidade multicultural com uma vida urbana intensa. As tensões podem ser percebidas nos contrastes de uma sociedade que buscava a modernidade, mas que carregava o peso de um passado colonial escravista.

Em meios as (des)continuidades políticas da Primeira República a educação recebe uma nova “roupagem”, como forma de estabelecer uma mudança não só intelectual, mas também moral e cívica. A nova organização postulava a escola, dentro de modelos pedagógicos, como a formadora do espírito nacional, capaz de constituir e legitimar as ideologias necessárias a

³ SAMPAIO, Consuelo N. **Os Partidos Políticos da Bahia na Primeira República**: uma política de acomodação. Salvador, Editora da UFBA, 1998, pp. 32.

⁴ MATTOSO, Kátia. **Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1978.

construção de um Estado civilizado e moderno, que em seu maior símbolo nacional que recebera concepções positivistas.

A moral almejada era a moral social, com a Nação como órgão máximo, dessa maneira a neutralização da religião seria fundamental para a construção de indivíduos racionais, éticos e colaboradores do projeto de modernização, conscientes dos seus direitos e deveres. No bojo dessas transformações, a infância passou a ser vista como um período singular na vida do ser humano, através da experiência a criança experimentava o mundo, com isso, a pedagogia procurava perceber as necessidades e a capacidade infantil. Ocorrendo, a partir daí uma preocupação com a educação nos anos iniciais e o disciplinamento para que não se corrompessem e, portanto, se tornassem cidadãos úteis à sociedade e à nação. Várias instituições foram criadas destinadas à educação dos pequenos eram: internatos, externatos, orfanatos e asilos.

Esse entusiasmo pela educação, baseados em modelos pedagógicos positivistas, valorizava os estabelecimentos escolares, a crença no poder regenerativo das técnicas pedagógicas de alfabetização e profissionalização. O período republicano também apontava para a necessidade de educação para a mulher, vinculando-a a modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens. Elas deveriam ser diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberia controlar seus homens e formar os novos trabalhadores e as novas trabalhadoras do país; eram as mães dos líderes de amanhã⁵.

Na sociedade baiana a educação também apareceu como um grande desafio a ser superado pela classe dirigente. Podemos considerar que “em muitos momentos a escola foi símbolo do progresso no imaginário da República. Seja através de fórmulas pedagógicas imediatistas e importadas de realidades distantes, ou através de um planejamento mais coerente em relação aos problemas nacionais, o papel da educação foi supervalorizado”⁶. O poder público e as próprias instituições privadas engajaram-se, cada um conforme se interesse, na construção de novos prédios escolares, asilos e orfanatos, todos com o intuito de acolher e educar os jovens. Assim, houve na Bahia um combate ao inculto e incivilizado, buscando um modelo de mulher “perfeita” e “completa”, uma verdadeira agente da doutrina cristã e dos bons modos, deveria zelar pelo lar e pela família. Essas mulheres deveriam ser mais educadas, no sentido de disciplinadas, do que instruídas.

A proposta educacional, orientada pelos princípios católicos, privilegiava os próprios colégios católicos, administrados por congregações femininas. Os pais confiavam às religiosas, suas filhas para serem instruídas conforme os rígidos princípios cristão-católicos, a mulher deveria se espelhar no exemplo de Maria. Assim, em grande parte a passagem da mulher do âmbito privado para o público, foi norteadada pelo ensino religioso.

Na imprensa baiana, discutia-se sobre: a educação da mulher, a emancipação feminina, as belezas femininas, as obrigações da mulher, entre outros temas que versavam sobre a temática feminina, eram publicados no formato de: textos, poesias, sátiras, poemas e gravuras escritos por homens e mulheres. No trecho abaixo, extraído do *Almanach do Diario de Noticias Bahia* de 1889 podemos perceber no pensamento da poetisa lisboeta Maria Amalia Vaz de Carvalho (1847-1921), velha conhecida dos periódicos baianos e brasileiros por defender a emancipação feminina.

[...] Educar a mulher é leval-a a compreenetrar-se do seu papel providencial na familia, e achal-a a grande, util, elevada, digna de saciar as mais levantadas ambições, e tambem – o que d’uma importancia capital – de pesar como uma

⁵ LOURO, Guaraci Lopes. Mulheres em sala de aula in **História das Mulheres** (org. Mary Del Priori)

⁶ LEITE, Márcia M. da S. B. A Caminho da Escola: olhares sobre a educação feminina na Bahia da Primeira República. In **Contraponto**, 1998, p. 80.

responsabilidade tremenda no animo mais ativo. E' dar-lhe uma idéa perfeita do dever e da justiça, um ideal a que tendam incessantemente as aspirações do seu espirito, uma religião que a hypocrisia e os cálculos interesseiros não maculem nem amesquinhem, que se resuma para ella um sacrificio sem voluptuosidades dissolventes e amor sem extasis hytericos e sem raptos de paixão sensual⁷.

A autora expressa em seu texto o papel que normalmente era atribuído a mulher, a sagrada orientação do lar, sob um manto imaculado de perfeição, idéia que normalmente foi defendida como o lugar natural feminino.

As meninas das classes mais abastadas aprendiam: a ler, a escrever, noções de matemática, prendas domésticas, francês e piano, muitas vezes ministrados nas próprias casas ou em instituições religiosas. Na opinião de muitos, não havia porque encher a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial, como esposa e mãe, exigiria, acima de tudo, uma moral solida e bons princípios⁸.

A educação feminina deveria ter uma sólida base cristã-católica, o exemplo mariano era largamente difundido nos colégios, as regras sociais exaltavam “as prendas domésticas”, como forma de preservar a natureza frágil, dócil e passiva da natureza feminina. Embora, no período republicano a Igreja Católica e o Estado foram formalmente emancipados, na prática percebemos os profundos entrelaçamentos e as permanências.

PROPOSTA EDUCACIONAL DO COLÉGIO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Em 1903 o Brasil apresentou-se como uma boa opção para as Irmãs Sacramentinas, desejosas por cruzar o Atlântico rumo à propagação da fé, seu destino inicial era a Bahia, onde o Arcebispo Primaz Dom Jerônimo Tomé da Silva se comprometeu a auxiliá-las. A primeira residência seria na cidade de Feira de Santana. D. Geraldo Van Caloen, abade de Olinda, afirmou em correspondência “para início ser-lhes-á entregue um Asilo com casa ajardinada, mantido com auxílios e colaboração da Mesa Administrativa, a administração interna será exclusivamente das Irmãs”⁹

No dia 20 de março de 1903 as primeiras Irmãs deixavam sua terra natal para se aventurar em um novo mundo, desconhecido e exuberante, temerosas de nunca mais verem a Madre Superiora, as Irmãs missionárias despediram-se das companheiras, “pela ultima vez foram ao Noviciado, berço de suas vidas de religiosas; depois à enfermaria rever as Irmãs doentes, que as esperavam com os olhos marejados, julgando ser a ultima visita. Finalmente foram a capela”¹⁰, era preciso dizer adeus a esse espaço que testemunhou tantos pensamentos, angustias e emoções. Emocionadas as Irmãs missionárias transpõem a soleira, em passos vacilantes e temerosos, entram no carro que as conduzira ao porto, enquanto o portão pesado da Abadia de São Justo fecha-se lentamente.

As cinco Irmãs pioneiras embarcaram no navio Cordilheira, no porto de Bordeaux, o ultimo adeus francês, veio por meio de uma carta de despedida do bispo de Valença D. Cotton, recebida já no navio.

A chegada em Salvador aconteceu às 16h do dia 03 de abril de 1903, as únicas informações sobre as primeiras impressões da nova terra, são das cartas que contam alguns

⁷ Almanach do Diario de Noticias Bahia, 1889. Pag. 100.

⁸ LOURO, Guaraci Lopez. Mulheres em sala de aula. In **História das Mulheres** (org. Mary Del Priori). São Paulo. Contexto, 2007, p. 440.

⁹ MENEZES, Verônica. Sacramentinas no Brasil. Salvador, 1970. p. 26

¹⁰ Idem, p. 27

momentos da viagem, como não tivemos acesso a estes documentos, acompanharemos através da publicação *As Sacramentinas no Brasil* autoria de Irmã Verônica Menezes, embora saibamos que as Irmãs missionárias procuravam camuflar sentimentos negativos. Havia o desejo de não vacilar, procurando reconfortar as companheiras que ficaram na França e os seus próprios corações, como nos atesta a correspondência de Ir. S. Felix “o desejo de evangelizar, de expandir nossa Congregação no Novo Mundo nos faz suportar de boa vontade, todas cinco, os incidentes da viagem”¹¹, o trecho selecionado por Menezes, indica que esses incidentes ocorreram quando alcançava à costa africana, em Dakar foram acolhidas no Convento da Imaculada Conceição de Castres, receberam a bênção do Bispo do Senegal de onde embarcaram novamente. Em seu olhar europeu as Irmãs descreveram africanos como “primitivos e possuidores de costumes estranhos” talvez por que nessa terra “Deus era pouco conhecido”.

A partir do dia 02 de abril era possível perceber a silueta da costa do Brasil, estavam na altura de Pernambuco, com seu farol, coqueiros, banco de corais. O bispo de Recife tomou uma pequena embarcação e foi ao encontro das Irmãs no navio, dando-lhes a bênção. Quando a terra brasileira “a vegetação é belíssima, tudo o que vemos nos encanta, e não nos cansamos de contemplar esta terra pela qual suspirávamos tanto”¹².

Na Baía de Todos os Santos, o forte de Santo Antonio indicava aproximação com a cidade do Salvador, alguns tripulantes dão detalhes pormenorizados da capital baiana. A presença de zimbórios e torres avistadas do porto atesta por seu número e proporções, que chegaram a um país de fé. Foram acolhidas, pelas Irmãs Ursulinas, religiosas francesas do Convento das Mercês. Durante os dias que passaram com as Ursulinas receberam as visitas de outras religiosas, e retribuíram visitando alguns conventos antigos. Segundo depoimento da Madre Superiora Yolanda Maria, no momento da chegada algumas Irmãs ficaram doente, provavelmente debilitadas pela longa viagem, a Irmã S. Felix, a mais ativa permaneceu dias sem conseguir levantar, contando com o importante auxílio das Irmãs Ursulinas. Recuperadas as forças e a saúde, as Irmãs Sacramentinas seguiram para Feira de Santana, local prometido para a fundação da Casa Religiosa.

Partiram de Salvador em 11 de abril de 1903, em um pequeno navio foram conduzidas até a cidade de Cachoeira, itinerário da época, onde passariam a noite. A vegetação e o belo rio Paraguaçu, impressionam uma vez mais as Irmãs francesas. A viagem prosseguiu pela estrada de ferro, chegando poucas horas depois na cidade de Feira de Santana, onde foram acolhidas pelo povo.

Em Salvador atendendo a um pedido do Arcebispo Primaz D. Jerônimo Silva, as Irmãs Sacramentinas aceitaram a proposta para a fundação de um colégio em 1904 na região da Penha, que em pouco tempo tornou-se o centro da vida Sacramentina na capital baiana. O colégio foi anexado à Casa Regional do Brasil, localizado na época na Península de Itapagipe, a Madre Geral da época relata em carta as suas companheiras na França “nosso colégio é magnífico. Bem situado, com esplendida vista para o oceano; salas espaçosas, belíssima capela. Estamos deslumbradas com a vegetação, da qual não se pode fazer idéia em França. Para começar, as alunas são numerosas e pertencentes às famílias da sociedade itapagipana”¹³. Ao final faz um pedido para sejam enviadas mais religiosas, pois o Brasil é um país acolhedor e que necessita de Irmãs caridosas.

Nos anos seguintes o colégio prosperou, outras Irmãs chegaram para aumentar a seara brasileira. Turmas de alunas sucediam-se, obras e associações religiosas floresceram.

No ano de 1926 no bairro do Garcia, na cidade do Salvador, a congregação adquiriu um terreno, uma verdadeira chácara, para a construção do colégio e da Casa Regional,

¹¹ Idem, 28.

¹² Idem, 29

¹³ Idem, 53

posteriormente também foram instalados o noviciado e a enfermaria São José, para as Irmãs idosas e enfermas, cuidados esses que sempre foram uma constante preocupação das religiosas, “em todas as casas muitas enfermeiras acompanham as Irmãs, aquelas com saúde fragilizada estão em recuperação na enfermaria, e nós em contínua oração por elas”¹⁴. Recorrendo aos anais da época, a Ir. Verônica Menezes escreveu “as Sacramentinas dispunham de duas Casas em Salvador (Penha e S. Raimundo), alias pertencentes à Diocese. De há muito que a Superiora Geral Me. Ernest desejava reunir as referidas casas”¹⁵.

Na tarde ensolarado do dia 30 de setembro de 1926, um grupo animado seguia pelo Campo Grande, rumo ao terreno das Sacramentinas, a frente estava o Arcebispo Primaz D. Augusto Álvaro da Silva, o Major Antenor Cossenza representando o governador do Estado, o cônsul da França Dr. Léon Hippeau, o prefeito municipal Eloy Paraíso, representantes da Imprensa, do clero, várias religiosas, ex-alunas dos colégios situados em Itapagipe, familiares e amigos, a animação musical era feita pela Banda da Polícia Militar, era a solenidade para a bênção a pedra fundamental do colégio S.S. Sacramentinas. O grupo foi recepcionado pelas alunas e por alguns operários, a aluna Odete Valente saudou o Arcebispo, em seguida agradeceu entusiasmada, o responsável pela obra Rossi Batista, conceituado arquiteto com várias obras na capital e no interior do Estado. A cerimônia foi encerrada às 16 horas, com muitas palmas, flores e música.

Visando convidar a sociedade soteropolitana a participar da inauguração do colégio S.S. Sacramentinas, programada para o dia seguinte, o Diário de Notícias no dia 02 de março de 1928, em artigo de meia página destaca:

Uma grandiosa obra da architectura bahiana: inaugura-se amanhã, solennemente, o collegio S. S. Sacramento, construído pelos engenheiros-architectos Rossi. Do magnífico projeto daquelles engenheiros, apenas terça parte, até agora foi edificada.

A inauguração sollene e festiva, se realizará, amanhã, ás 15 horas, perante grande numero de famílias da sociedade bahiana e pessoas gradas, convidadas para aquelle acto.

[...] digamos de passagem: aquelle collégio é uma instituição religiosa, destinada, exclusivamente, á educação de moças, e dirigida pelas Irmãs Sacramentinas, á frente das quaes, innegavelmente, está a Irmã visitadora Marie Arséne Pialat.

A matéria destaca ainda a localização privilegiada do colégio, em um ambiente calmo e bucólico, longe dos odores da cidade:

O Collegio S. S. Sacramento está situado num dos pontos mais saudáveis da Capital, de clima agradável e ameno. Além, disso, o terreno do Collegio é muito amplo e cercado de frondosas arvores, o que, de facto, é de grande vantagem para institutos de ensino. A primeira vista, tem-se logo a impressão de valor da obra, toda ella construída de material de primeira qualidade e em estylo moderno¹⁶.

O periódico com vistas a não deixar dúvida quanto a excelência do edifício convida o leitor a perceber através das fotografias a agradável arquitetura, com harmonia estética e

¹⁴ Irmã Francisca de Assis ingressou como aluna do internato em 1932, posteriormente no semi-internato e nos últimos anos escolares no externato, durante muito tempo exerceu a função de mestra do infantil ao jovem, ensinando piano e canto orfeônico. Entrevista em 14. Abril. 2008.

¹⁵ MENEZES, Ir. Verônica. As Sacramentinas no Brasil. p.63.

¹⁶ Diário de Notícias, 02 março de 1928 p. 04.

elegância, semelhante às construções das sociedades modernas que exigem institutos escolares de grande amplitude, onde as crianças e os colegiais possam estudar a vontade, respirando bem, em salas folgadas e recreios agradáveis. O Diário de notícias encerra afirmando “a Bahia possui um instituto de ensino modelar e perfeito, graças a magnificente obra dos engenheiros Rossi”. Percebemos que a preocupação em destacar a localização do colégio, com clima agradável e principalmente saudável, longe dos maus ares do restante da cidade.

O colégio S.S. Sacramentinas participava de forma discreta da vida pública soteropolitana, as comemorações cívicas e religiosas, eram preparadas com carinho envolvendo todos na instituição, para a Irmã Francisca de Assis, que ingressou na instituição em 1932 como aluna interna e teve toda a sua vida ligada ao colégio, posteriormente como mestra das outras meninas, “essa casa é uma benção para todos que passaram por aqui, jamais tive intenção de me afastar desse lar”¹⁷ afirma emocionada a freira. Quando entrou no colégio só havia sido construído o parlatório e o prédio principal, hoje cercado por construções mais recente. Ainda segunda a Irmã os dormitórios eram divididos conforme a idade, seguindo as denominações de quartos para as pequenas, médias e grandes, em cada dormitório também dormia uma Irmã Sacramentina, pois a vigilância era uma das principais preocupações das religiosas. E para cada grupo de meninas havia uma mestra, como guia e exemplo, mas principalmente para zelar pela disciplina das jovens.

A dedicação das Irmãs Sacramentinas valeu o reconhecimento da sociedade tanto baiana como brasileira, pois são muitos os telegramas de autoridades como do presidente Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek saudando o empenho das religiosas pelos estimados préstimos a população. As poucas referências em periódicos que fazem menção ao colégio, rapidamente esclarece a dedicação o que se ensina no colégio, em um folheto interno da década de 1930, porém sem a data exata da publicação percebemos o orgulho pela vigilância e disciplina “as alunas são objeto de uma constante e maternal vigilância por parte das religiosas, não somente nos trabalhos escolares como nas refeições, recreios, dormitórios e outros misteres” deixando claro ainda que “não aceitam alunas excluídas de outros colégios por motivo de falta de moral ou de disciplina, em proveito da dignidade de seu nome respeitável de colégio paradigma”

Assim, ao ministrar uma educação pautada em valores cristãos, seguindo as necessidades de acalantar o coração feminino das vaidades profanas, o colégio S.S. Sacramentinas transformava as jovens em vitrine para a instituição, na medida em que elas difundiam o seu bem sucedido método educacional. Por outro lado o colégio também funcionava como reprodutor das divisões sociais, pois apenas as jovens abastadas que podiam contar com polpudas mensalidades e ricos enxovais podiam estudar na instituição tão prestigiada, enquanto as de baixo poder aquisitivas ou órfãs eram encaminhadas ao colégio vizinho Casa de São José, que também contavam com a orientação das religiosas, porém com poucos recursos financeiros.

CONCLUSÃO

Investigar sobre o passado com vista a recuperar os vestígios de homens e mulheres que habitaram antes nós, percebendo suas múltiplas vivências é uma das tarefas mais extraordinárias. Possibilitando analisar como as identidades foram construídas e como os papéis de gênero são estabelecidos conforme as experiências cotidianas de cada época. Se no discurso os republicanos viam na mulher um importante elemento para viabilizar seu projeto de sociedade moderna, por sua vez tal pensamento implicava em uma mudança paulatina, na matriz cristalizada ao longo da história, da mulher como um ser apenas complementar ao homem, com

¹⁷ Irmã Francisca de Assis, 84 anos, conhecida como Vovó Chica, estudo como interna a partir de 1932, tornando-se posteriormente freira pela Congregação das Sacramentinas, depoimento em 12/02/2008.

as únicas funções de mãe e esposa. A partir daí é possível desenvolver uma nova narrativa histórica, pois a escolarização também implicou em novos espaços de socialização, embora de forma restrita, mas continua.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria José de Souza. “Os Recolhimentos Baianos – seu papel social nos séculos XVIII e XIX”. In **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**. Bahia (90): pp. 225-237, 1992.

COSTA, Izabel Maria Villela. **Uma leitura sobre a História Política Provincial Baiana de Formação de Professores: a escola normal, 1836 a 1962**. Dissertação de Mestrado, Salvador, Mestrado em Educação/ UFBA, 1988.

DEL PRIORI, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos) 9.ed. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007

DICK, Sara Martha. **A Origem da Política Pública do Ensino Secundário na Bahia: o liceu provincial, 1836-1862**. Dissertação de Mestrado, Salvador, Mestrado em Educação/UFBA, 1992.

FARIAS, Gelásio de Abreu e Menezes, Francisco da Conceição. **Memória Histórica do Ensino Secundário Oficial na Bahia, durante o primeiro século: 1837-1937**. Bahia, Imp. Oficial do Estado, 1937.

FRANCA, Alípio. **Escola Normal da Bahia: memória histórica, 1836 a 1936**. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1936.

LEITE, Márcia Maria Barreiros. **Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930**. Dissertação de Mestrado/UFBA, Salvador, 1997.

_____. **Entre a Tinta e o Papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)**. Salvador, Quarteto Editora, 2005.

LEITE, Rinaldo César Nascimento 1996 **E a Bahia civiliza-se...** Ideais de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana. Salvador, 1912-1916. Dissertação de mestrado, Salvador, Ufba. p.10.

LIMA, Débora. Kelman de. **O Banquete Espiritual da Instrução: o ginásio da Bahia, Salvador (1895-1942)**. Dissertação de Mestrado. Salvador, FFCH/UFBA, 2000.

LUZ, José Augusto Ramos. **Educação e Disciplina: propostas para a infância, Bahia (1924-1928)**. Dissertação de Mestrado. Salvador, FFCH/UFBA, 2003.

_____. Educação, progresso e disciplina na salvador republicana: a criança como ponto de partida. In. **Candomblé Revista Virtual**.
www.fja.edu.br/candomba/pdfs/jose_augusto_julho_2005.pdf
acesso em 13/02/2008.

MATTOSO, Kátia. **Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX.** São Paulo: Hucitec, 1978.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Patriarcado e Religião:** as enclausuradas clarissas do Convento do Desterro da Bahia, 1677-1890. Bahia, Conselho Estadual de Cultura, 1994.

NUNES, Antonietta d'Aguiar. **Política Educacional no início da República na Bahia:** duas versões do Projeto Liberal. Tese de Doutorado. Salvador, FAGED/UFBA, 2003.

PASSOS, Elizete Silva. **A Educação das Virgens:** um estudo do cotidiano do colégio Nossa Senhora das Mercês. Rio de Janeiro, Editora Universitária Santa Úrsula, 1995.

SAMPAIO, Consuelo N. **Os Partidos Políticos da Bahia na Primeira República:** uma política de acomodação, Salvador, Edufba, 1998.

SILVA, Ivaneide Almeida. **História e Educação Religiosa na Bahia:** as Ursulinas na Bahia. Dissertação de Mestrado. Salvador, FFCH/UFBA, 2004.

TAVARES, Luis Henrique Dias. **Duas Reformas da Educação na Bahia, 1895-1925.** Bahia, Centro Regional de Pesquisas Educacionais da Bahia, MEC/INEP, 1968.